



ASSOCIAÇÃO PIAUIENSE DE CULTURA SUPERIOR – SOCULTURAS
INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Recredenciado pela portaria do Ministério da Educação nº1.520, publicado no D.O.U. em 26 de dezembro de 2016

ISSN – 2317-2487



REVISTA

TEÓFILO

PENSAR A MORTE, VIVER MELHOR

Cristiano Batista de Moraes*
Hilderlan de Oliveira Sousa**

RESUMO

A morte, por ser um fenômeno complexo (tecido em conjunto), exige visão interdisciplinar. Destarte, o presente artigo inicia-se com uma abordagem científico-filosófica. Depois, amplia-se com uma visão histórica, desde os primórdios da humanidade até os dias de hoje. Por fim, destaca a contribuição da teologia cristã, tendo como foco principal a encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. A reflexão tem por objetivo mostrar que a morte ensina as pessoas a viverem mais e melhor; a vislumbrarem as faíscas do infinito na história da odisseia da vida; a perceberem que a morte não se reduz à cessação das funções do organismo, mas é a oportunidade de uma nova vida, por meio da ressurreição.

Palavras-chave: Morte. Ciências. Filosofia. História. Fé cristã.

ABSTRACT

Death, because it is a complex phenomenon (tissue together), requires interdisciplinary vision. Thus, the present article begins with a scientific-philosophical approach. Then it extends with a historical vision from the beginnings of humanity to the present day. Finally, with the contribution of Christian theology, having as its main focus the incarnation, life, death and resurrection of Jesus Christ. The purpose of reflection is to show that death teaches people to learn to live more and better; to glimpse the sparks of the infinite in the history of the odyssey of life; to realize that death is not reduced to the cessation of the functions of the organism, but the opportunity for a new life through resurrection.

* Presbítero da diocese de Bom Jesus do Gurguéia – PI. Mestre e professor nas áreas de Filosofia e Teologia no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI. Endereço eletrônico: pe.crismoraes@hotmail.com

** Licenciado em Filosofia e bacharelado em teologia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI. Endereço eletrônico: deoliveirasousa2008@hotmail.com

Keywords: Death. Sciences. Philosophy. History. Christian faith.

1 INTRODUÇÃO

As perguntas existenciais “de onde vim?”, “quem sou eu?” e “para onde vou?” continuam pertinentes. São questões intrínsecas a saga humana. Próprias da natureza *sapiens* do ser humano. Cada época, lugar e povo procura responder a essas indagações. Uns buscam na religião. Outros na filosofia. Alguns modernos, nas ciências biológica e humana. Muitos, na pós-modernidade, prescindem de perguntá-las, postergam e as tratam como dúvidas obsoletas ou interpelações estereis de especialistas.

Sobre a última indagação, que refere à morte, elaborou-se três respostas no Ocidente. A tradição judaico-cristã proclama e prega a ressurreição no fim dos tempos. A filosofia atea dos “mestres da suspeita” (Marx, Freud e Nietzsche), baseada no niilismo, afirma que só nos resta o “nada” e o silêncio mineral nos recônditos da matéria. E, por fim, o espiritismo kardecista orienta sobre a reencarnação: sucessivas encarnações para redimir os atos maus e praticar o bem – o *karma*.

Percebe-se, na atualidade, certa aversão a essa questão. A cultura hodierna trata, de modo geral, a morte como tabu. A civilização do espetáculo, da diversão, do entretenimento, do hedonismo presentista não suporta falar sobre a morte, pois ela frustra todos os valores efêmeros fabricados pela economia capitalista, pela mídia esteticista e pela cultura pós-moderna. Por isso, delega-se a morte para as instituições dos hospitais, funerárias, igrejas e para as religiões.

Vive-se numa cultura na qual escapar do tédio, da dor e do sofrimento é paixão hegemônica e universal, haja vista o excesso de anestésicos, psicoterapias, *prozacs*, fluoxetinas, ansiolíticos, drogas legais e ilegais como fonte de fuga da realidade e de seus compromissos. Observa-se uma geração de jovens e adultos mimados, que não conseguem administrar frustrações e nem gerenciar decepções. Nessa civilização, a tirania do prazer fugaz e imediato é determinante nas relações e decisões pessoais.

Não se trata aqui de fazer uma apologia ao sofrimento oriundo de um maniqueísmo estéril e nem de promover certo tipo de masoquismo degenerado. O prazer faz parte da vida e é necessário para adquirir saúde integral, ante a vida estressante da sociedade contemporânea.

Mas transformar em valor supremo e idolátrico essa necessidade tem consequências inesperadas: banalização da cultura, generalização da frivolidade, promoção do sexo reduzido ao prazer descomprometido, incentivo às relações virtuais desconectadas do contato humano. Desta forma, a morte soa como um “desmancha-prazeres”.

Pensar sobre “o que nos espera”, como formulou Kant, é refletir sobre a vida. A morte proporciona um verdadeiro sentido à existência. Refletir o além-morte é redirecionar o aquém-vida. O morrer é tão natural quanto o nascer. Enquanto o nascer é festivo, o morrer é ressignificativo. Ambos são elos simbióticos, complementares e integrantes da vida. A repressão e a negação geraram uma espécie de pacto entre a falta de sentido da vida e o absurdo da morte. Não pensar a morte é sufocar a esperança, promover o medo e cultivar a náusea existencial.

Entretanto, já se percebem sinais de busca pela espiritualidade e de maior preocupação com as realidades do além-túmulo. Sob este prisma, pensar-se-á a morte nas perspectivas científica, filosófica, histórica e da fé cristã. O acento maior se fará a partir da teologia cristã, com pinceladas sobre o luto e o suicídio. A realidade da morte é complexa, pois extrapola conceitos, ideias e reflexões. Côncios das limitações dessa exposição, espera-se maiores debates e enriquecimento do tema ex-posto e pro-posto.

2 ABORDAGEM CIENTÍFICO-FILOSÓFICA

A morte, como um fenômeno de alto grau de complexidade (tecido em conjunto) exige compreensão interdisciplinar, quer dizer, maior contribuição das várias ciências e áreas de conhecimento para se adquirir visão densa e extensa sobre essa realidade cotidiana, seja por experiência própria ou de outrem. Assim, as ciências biológicas e a filosofia têm muito para contribuir nesse debate de máxima atualidade (MORIN, 1970, p.17).

Tradicionalmente, o conceito de morte era definido como o “instante em que cessam as funções do organismo”. Porém, percebe-se hoje que a morte não é um fato instantâneo, mas um processo de várias etapas, iniciado com a morte clínica, que é a cessão das funções do cérebro, com o coração batendo ou não. Depois, ocorre a morte fisiológica: a decomposição e putrefação das células. Por fim, a morte absoluta: ausência completa de vida celular. Reduz-se tudo ao biológico.

De modo geral, a biologia conclui que a morte, assim como o nascimento, faz parte da vida. Há um entrelaçamento entre morte e vida. Morrendo, acabamos de nascer (Franklin). Trata-se de um fenômeno natural, em que a evolução segue seu ritmo. A lógica da vida é linear: nascer-crescer-reproduzir-envelhecer-morrer. As células cumprem suas leis inexoravelmente. Sendo assim, a morte é reflexo da vida, sua parte e parcela. Em primeiro lugar, porque a vida humana é entremeada de forças de morte: fracasso, solidão, decadência, frustrações, decepções, sofrimentos psíquicos, dores físicas etc. A morte é coextensiva à vida: ela acompanha a vida em todo o seu processo. Nossa vida é realmente uma “vida mortal”. “Vida vital” só há no Reino, como diz Santo Agostinho.

Em segundo lugar, a morte está ligada à vida também pelo fato de, como parte (final) da vida biológica, ter de ser humanamente “vivida” de modo individual. E é pelo modo como se vive a vida, que se vive a morte. Na odisséia da vida, semeamos a forma de morrer. No ocaso da existência, colhemos os frutos bons ou ruins. Tudo é fruto de nossas opções.

A morte biológica pode ser uma benção, uma libertação e um repouso para os mortais, sobretudo nas doenças dolorosas e prolongadas. Nesses casos, diz-se, entre conformados e aliviados: “Descansou!”. A morte do pobre é mais tranquila; a do rico é sempre mais problemática. “A morte é doce para quem tem a vida amarga”, diz Campanella (BOFF, 2012, p. 43).

Mas, sob o prisma biológico, quais as outras finalidades próprias da morte? Será que o processo natural da morte não tem planos inteligentes e compreensíveis? As suas finalidades não levam a desvalorizar a vida no aquém? Para o médico e tanatólogo Evaldo D’Assumpção (2010), a morte apresenta três finalidades:

a) **proporcionar o equilíbrio da natureza.** Se não existisse a morte, certamente o mundo hoje teria uma super-hiper-população. Não só de seres humanos, mas de todos os demais seres vivos, animais e plantas. Tomando somente a humanidade como exemplo, calcula-se que, desde seu aparecimento, cerca de 80 bilhões de seres humanos já viveram na superfície do planeta Terra. Se nenhum deles tivesse morrido, considerando o seu potencial de reprodução, hoje seríamos muitos bilhões a mais, de tal forma que, possivelmente, não haveria um lugar para alguém se assentar. Somando à humanidade os outros animais e plantas, se não houvesse os predadores naturais e nem a morte, a total ocupação do planeta Terra certamente já o teria destruído. Portanto, a morte é que permite o prosseguimento da vida em nosso planeta;

b) **valorização da vida.** A mortalidade do ser humano o faz dar maior valor à vida. Para entender isso, vamos nos reportar ao poema épico de Homero, *Odisséia*, no qual é narrado o diálogo de Ulisses com a ninfa Calipso. Ela o havia acolhido em sua ilha de Ogígia e por ele se apaixonara. As ninfas, como as demais divindades da mitologia grega, tinham um corpo humano, porém eram imortais. Calipso dizia, então, a Ulisses como os deuses invejavam a mortalidade dos seres humanos, pois só assim cada coisa a ser realizada tinha um valor imensurável. Se não fosse feita, e bem-feita naquele momento, não se podia ter a certeza de que a oportunidade viria novamente. Já a imortalidade tornava tudo monótono: o que não se fizesse hoje poderia ser feito amanhã, no mês que vem, no próximo ano, no outro século. Não havia limite para as possibilidades e isso levava a uma monotonia sem fim. Mais: a morte nos ensina a valorizar os ganhos. As perdas nos dão a exata dimensão do valor das pessoas e das coisas. A morte é, portanto, uma ótima professora da vida;

c) **transformação.** Quando aqui nos referimos à transformação, estamos dizendo de uma mudança para melhor. Como mestra da vida, a morte também nos ajuda nessa transformação evolutiva, quando passamos de um determinado estágio para outro superior.

Tendo em vista que a vida é o dom maior que recebemos, não devemos pensar que a morte deve ser procurada. Devemos, sim, viver a vida em plenitude, no tempo que nos foi dado viver. Devemos respeitar a vida, desde a concepção até a morte, cuidando dela, tornando-a a melhor possível, para nós e para todos os seres vivos ao redor de nós, enquanto vida tivermos. Só assim estaremos nos preparando, adequadamente, para chegarmos diante do portal da morte sem medo e sem mágoas, sem frustrações ou arrependimentos, atravessando-o na certeza de que fomos uma boa semente plantada em terreno fértil. E, assim, chegando o momento da grande transformação, nela nos lançaremos confiantes para alcançar a verdadeira e plena felicidade (D'ASSUMPÇÃO, 2010, p. 98-100).

A morte biológica representa grande fracasso e frustração para a medicina, que ainda não encontrou o “elixir da longa vida”. Os profissionais de saúde, juntamente com o Estado, por questões éticas, devem oferecer, mesmo diante da iminência da morte, meios pelos quais as pessoas tenham ao menos uma morte digna. O máximo que se pode oferecer é usar todos meios possíveis para aliviar as dores ante o inevitável.

Há consenso entre os tanatólogos, ancorados na biopsicologia, de que o ser humano não tem medo da morte. Ele tem medo de morrer, que é constituído por fatos e acontecimentos que antecedem a morte clínica. A forma e a maneira (doenças graves,

acidentes, homicídios, infarto, AVC etc.) são mais temidas que a morte em si. Ante esse fato, muitos desejam um morrer “rápido e sem dor”.

Filosoficamente, pensar a morte é se perguntar pelo sentido da vida. A palavra sentido tem quatro compreensões. Primeiro, como sensibilidade formada pelos sentidos do corpo: olfato, paladar, visão, audição, tato. Segundo, como direção: “o sentido de um rio”. Terceiro, como significado de um fato, acontecimento ou frase. (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 539). Quarto, como meta, plano, projetos e sonhos. O ser humano, consciente de sua morte, pergunta-se: constitui ela o fim ou o começo? Sob esse aspecto, o sentido (sentir, seguir, significar, sonhar) da morte se condiciona pelo sentido da vida. Nessa se encontram todas as perguntas e respostas daquela. A razão, ao longo da existência, constrói significados que convergem para a realidade do pós-morte: o nada ou a continuidade da vida imortal em outra dimensão, além do tempo e do espaço. (FRANKL, 2005, p.37).

No *Fédon*, Platão apresenta Sócrates, depois de tomar a cicuta, dialogando com os discípulos sobre a imortalidade. O filósofo exhibe vários argumentos para provar a imortalidade da alma. Entre tais argumentos, ressaltam-se dois: o fato do pensar e o fato do mal moral. Quando pensamos, usamos conceitos universais e perenes, o que mostra que somos seres espirituais, transcendendo o particular e o perecível, e que somos, portanto, imortais. Também, quando fazemos o mal, nossa alma não se corrompe de todo, de modo que podemos sempre nos reabilitar, o que também mostra que somos imperecíveis.

De Platão a Kant, boa parte dos filósofos não considera a morte como a extinção do homem, mas apenas do corpo. Depois de Kant, a maior parte dos filósofos afirma a morte como o fim de todo o homem e não somente do corpo (Feuerbach, Nietzsche). Mais próximo ao nosso século, essa tendência se divide entre a tendência niilista, em que a morte é o fim total do homem (Heidegger, Sartre, Bloch) e a não-niilista, para a qual a morte não é o fim total do homem (Marcel, Jaspers, Boros).

A concepção mais tradicional é a da imortalidade da alma, que caracteriza o início de um novo ciclo de vida. Platão já defendia esse ponto de vista (separação entre alma e corpo). Schopenhauer, na mesma perspectiva, comparava a morte com o pôr do sol, pois o astro, pondo-se num lugar, nasce em outro. Entendida como o fim de um ciclo, a morte é vista sob o prisma da involução ou da diminuição da vida, para Leibniz, ou como o fim da existência individual, para Hegel. Como possibilidade, a morte é vista como limitação, situação-limite,

mas que é decisiva para a avaliação e a compreensão da vida, ligada à sua finitude, assim defendem Dilthey e Jaspers.

A morte, mesmo sendo a primeira grande descoberta do homem, conforme Cunha (2010, p. 184), ainda deixa perplexos tanto os que têm consciência dela quanto os que não têm. Diante do imenso arcabouço reflexivo da filosofia, segundo o mesmo autor, constatar a morte do outro causa uma terrível sensação e constatar a própria morte espanta mais ainda.

Abbagnano (1970) considera a morte sob dois aspectos: 1) como falecimento: é um fato natural, averiguável com procedimentos convenientes, que não tem para o homem um significado específico; 2) em relação específica com a existência humana, ela pode ser entendida de três modos: como início de um ciclo de vida, como fim de um ciclo de vida, como possibilidade existencial.

Para a filosofia fenomenológica, a morte apresenta as seguintes características: individualidade (cada homem assume de per si a própria experiência de morte); universalidade (atinge crianças, jovens, idosos, pobres, ricos, brancos, negros etc); inelutabilidade (ela sempre vence no final das contas); iminência (ela é potência sempre presente, que ameaça constantemente); inexorabilidade (é inflexível e implacável); temível (suscita horror, aversão e angústia); consciente (saber que vai morrer, permite se preparar); singular (assim como se vive, morre-se só uma vez).

A morte é, também, realidade social, pois até nela há diferença de status. Tempo de morrer (mortes prematuras; os pobres “morrem antes do fim da vida”); modo de morrer (na miséria ou no fausto, no abandono ou acompanhado pelos familiares etc.) Há, inclusive, “mortes de Estado”: as que o poder decreta ou mesmo provoca através das guerras e de certas políticas sociais mortíferas.

Mais: a morte é um evento eclesial. O cristão não morre só, mas cercado pela comunidade de fé e acompanhado pelas preces de toda a Igreja, inclusive pelos sacramentos, especialmente pelo da unção dos enfermos. Ele conta também com a oração pelas almas e as impreteríveis missas de oração pelas almas (7º dia, 30º dia etc).

3 VISÃO HISTÓRICO-CULTURAL

A morte sempre foi um fato na longa odisseia da história humana. O homem de Neanderthall, descendente do *Homo Habilis* e surgido entre 150 e 120 mil anos a.C., foi a

primeira criatura a sepultar seus mortos. Resquícios de objetos arqueológicos revelam alguns traços da relação com o sagrado que prefiguravam as crenças na vida do além.

Em algumas pinturas rupestres, evidenciam-se ritos de sepultamento e manifestações de religiosidade natural e crença na vida do além-morte. Na Serra da Capivara, localizada na cidade de São Raimundo Nonato, sul do estado do Piauí, os sinais e desenhos nas paredes das cavernas descrevem as rotinas diárias dos habitantes, inclusive a relação com seus mortos.

No ano 3 mil a. C., surgem os sumérios com seus escritos e a grande cidade sagrada de Ur, na Mesopotâmia, a qual era dedicada ao deus da lua. Segue-se a magnífica civilização egípcia e, na América central e parte do atual México, a civilização maia. Todas centradas no sagrado, no culto aos deuses, na volta para uma vida depois da morte.

Os gregos temiam a morte, porque, por meio dela, eram mandados para o Hades, local de incertezas e inseguranças. Todavia, havia também a visão de que a morte era a libertação para a pessoa que sofreu em vida. O que nos leva a pensar que a morte era um mal imputado ao ser humano é o fato de que os deuses gregos não eram imortais, senhores da vida e da morte:

Não faltava quem procurasse temperar estas impressões com um precário consolo: a vida mesma, diziam alguns gregos, é um bem duvidoso, cheio de fadigas e penúrias, de modo que, por vezes, melhor seria ao homem não ter nascido ou ter morrido imediatamente após o parto; repetiam o axioma: “Aquele que os deuses amam, morre jovem”. Consequentemente, o suicídio podia ser tolerado como libertação do sofrimento. Não obstante, confessavam, quando se aproxima a morte, não há quem queira morrer! (BETTENCOURT, p. 09).

Os romanos tinham uma compreensão da morte muito similar à dos gregos. O Hades passa a ser Plutão, e os rituais fúnebres se multiplicam entre os romanos. Durante os cerimoniais fúnebres havia choro, festa e, inclusive, um banquete chamado de “*refrigérium*” que acontecia no túmulo do defunto. Aqui existe a visão da morte como lugar de descanso após uma vida atribulada:

A preocupação com o além-túmulo, envolvendo a imortalidade da alma, inexistia no Império Romano. Isso não era um sofrimento existencial para aquela gente. As seitas epicurista e estoica não acreditavam na eternidade. A religião pagã tampouco interferia em tal ponto de vista na tentativa de anulá-lo. Os que acreditavam no além constituíam um grupo separado, dividido em pequenas seitas. A opinião mais disseminada era a de que “a morte era um nada”, “um sono eterno” e que o mundo das Sombras não passava de uma fábula. Nenhuma doutrina apregoava a existência de uma vida após a morte. Portanto, pelo fato de não ter uma doutrina comum, tais indagações não faziam parte da vida da imensa maioria dos romanos, e, como

consequência, eles não criam em nada. O que importava era a vida terrena. (DIAS, 2016).

Os povos africanos e asiáticos entendiam a morte como castigo, por conta da desobediência do homem ao transgredir a ordem natural do mundo. Os primeiros seres humanos infringiram o mandato dos deuses e, como consequência, passaram a padecer da morte. Existem muitas lendas acerca da temática da morte:

[...] os 'Bataks' (Filipinas) contam que o seu deus ressuscitava os mortos. Todavia, certa vez os homens o quiseram enganar, apresentando-lhe um tubarão enfaixado como um cadáver. Quando a divindade descobriu, condenou-os a ficar sujeitos ao sofrimento e à morte. (BETTENCOURT, p. 09).

Há uma evolução no que diz respeito aos conceitos e significações surgidas sobre a morte no decorrer da história da humanidade. Percebe-se claramente que, no mundo feudal, era considerada como um acontecimento que atingia não só a família enlutada, mas a cidade ou vilarejo como um todo, tornava-se algo coletivo. Essa realidade é muito presente em algumas de nossas cidades interioranas:

O mundo feudal possuía uma série de tradições, embasadas na estrutura da família patriarcal, que davam amparo e sentido social à experiência da morte. A morte era um verdadeiro "acontecimento social". Os rituais religiosos e comunitários (missa, cortejo, homenagens, etc.) tinham um peso significativo. Enfim, a experiência era pública, coletiva e simbólica. Isso fazia da morte um acontecimento trágico, doloroso, mas parte necessária da vida cotidiana humana, o que configura uma representação da morte domada ou contida por amarras e ritos sociais. (CAMPOS, 2017).

Durante a modernidade, o que prevalece é o subjetivismo, assim como o individualismo exacerbado, fruto de inúmeros acontecimentos que, durante a história, foram capazes de endurecer o coração do homem, fazendo dele um ser solitário e egocêntrico, muitas vezes incapaz de se compadecer com a dor do outro:

Com o fim da idade média e início da modernidade, as amarras tradicionais e coletivas que amparavam a morte começaram a progressivamente se perder. Começou a prevalecer uma visão individualista e racionalista de sujeito, levando a uma restrição cada vez maior do campo dos afetos para a intimidade das famílias. Isso fez com que a questão da morte passasse de um âmbito mais público para a dimensão mais restrita da privacidade familiar. (CAMPOS, 2017).

O mundo contemporâneo, imbuído de egocentrismo, traz consigo uma nova perspectiva da morte, uma vez presente na sociedade atual, apresenta-nos, um novo modelo de ver e de pensar a morte. Onde “A proposta dos profissionais consiste em assistir o moribundo até seus últimos momentos, buscando minimizar, tanto quanto possível, sua dor e desconforto, e dar suporte emocional e espiritual a seus familiares” (MENEZES, 2017).

Na atualidade se percebe que o ser humano não sabe administrar a dor e o sofrimento ante a morte previsível ou iminente de seus parentes e amigos queridos. Posterga ou tenta colocar por “debaixo do tapete” uma realidade intrinsecamente humana: viver a infinita ausência do outro. Desta forma, não consegue viver a experiência da perda para desfazer e refazer novos laços na vida. Neste sentido, Marta Klumb afirma que:

Não há mais um lugar social que possibilite a expressão de dor diante da morte. As manifestações de sofrimento são muitas vezes gestos solitários, escondidos ou reprimidos. Os rituais de sepultamento tornam-se cada vez mais curtos e inicia-se a substituição do enterro do corpo pela cremação em alguns grupos sociais. Todos os demais elementos, excedentes desta sociedade asséptica, foram varridos para debaixo do tapete, ou seja, o feio, o diferente, o doente e a morte, dentre outros, não têm mais lugar neste mundo da vida. (KLUMB, 2017).

Na civilização moderna, a ciência tomou o lugar da religião. Em sua vaidade e pretensão de saber, desprezou o Deus de sua origem, substituindo-o pelos deuses da lógica e da razão. Chega-se ao *Homo Modernus*, cheio de incertezas e sofrimentos que são ampliados na razão direta dos conhecimentos tecnológicos que adquirem e passam a dominar. Paradoxalmente, a máquina traz conforto e angústia ao mesmo tempo.

A realidade da morte, juntamente com as múltiplas formas de se relacionar com ela, é intrínseca à história humana. Nos seus costumes e religiões, muito povos, nações e tribos encontram meios para amenizar a dor da partida e buscam novas formas de continuar a saga da sobrevivência, com suas contínuas pugnas cotidianas. Entretanto, percebe-se um hiato no indivíduo pós-moderno: ele vive a ilusão de que nunca vai morrer e morre na certeza de que nunca viveu de verdade. O narcisismo exacerbado se tornou a força motriz dessa insanidade coletiva.

4 PERSPECTIVA CRISTÃ

O que diz a fé cristã a respeito da morte? Tudo o que os cristãos podem dizer acerca da morte tem como fonte a Sagrada Escritura. Se a morte é vivenciada como o término natural da vida, por outro lado, é sentida como provação e maldição. Javé é o Senhor da vida e da morte (Dt 32, 39). Por isso, a concepção de morte está relacionada à vida, ou seja, Deus, o Criador, presenteou o ser humano com a vida, que é uma dádiva e não uma propriedade do vivente. No Gênesis, é relatado que Adão e Eva transgrediram o mandamento de Deus sobre o fruto da árvore da vida que dá o conhecimento acerca do bem e do mal. A vida deles tornou-se contra Deus. O relato consta na narrativa javista, e o mesmo ensinamento se encontra no Livro da Sabedoria (Gn 2, 24). Ao desobedecer, Adão escolheu viver sob o reinado da morte: “Com o suor do teu rosto, comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és do pó e ao pó tornarás” (Gn 3, 19). Essa vida, contudo, não foi aniquilada, mas limitada.

No Novo Testamento, Jesus se torna o paradigma que norteia a vida e a morte do cristão. A encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus se tornam referenciais para se pensar as realidades da pós-morte. Assim, para Balthasar, “Deus é o novíssimo da criatura. Enquanto alcançado, é céu. Enquanto perdido, é inferno; enquanto discerne, é juízo; enquanto purifica, é purgatório... Jesus Cristo é a manifestação de Deus e a suma dos novísimos”.

A ressurreição, no final dos tempos, é a meta da vida. Não vivemos para morrer. Vivemos para ressuscitar. A ressurreição não é vivificação de cadáver, mas exaustiva relação das capacidades do homem corpo-alma. Pela ressurreição, tudo se tornará imediato para o homem: o amor desabrochará na pessoa, a ciência se tornará visão, o conhecimento se transformará em sensação, a inteligência se fará audição. Desaparecem as barreiras do espaço: a pessoa humana existirá imediatamente onde estiver seu amor, seu desejo e sua felicidade. No Cristo ressuscitado, tudo se tornou imediato, isto é, desapareceram todas as barreiras terrenas. Ele penetrou na infinitude da vida, do espaço, do tempo, da força e da luz.

Os místicos cristãos atribuem novo sentido ao morrer. Para eles, a experiência da morte pode ser ressignificada a partir da união do ser humano com Cristo. Quem faz essa experiência ao longo da vida compreende, de forma antecipada e limitada, essa promessa de salvação da morte. É o que fez Francisco de Assis, em 1225, quase moribundo, ao compor o “Cântico do Irmão Sol”. Nas últimas estrofes, ele se refere ao duplo sentido da morte:

“Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a Morte corporal, da qual homem algum pode escapar”.

A perspectiva da vida pós-morte dos cristãos não prescinde e nem desvaloriza a existência como um todo. Pelo contrário, convida os cristãos a se engajarem e lutarem contra as armas da morte que ceifam muitas vidas inocentes, deixando que o algoz sobreviva sob as custas de suas vítimas. As teologias pós-conciliar e latino-americana suscitaram veementemente a profecia como anúncio da Boa Nova (Jesus) e como denúncia dos poderes contrários à vida, principalmente a dos pobres.

Um tema que traz bastante polêmica, e que é pouco debatido nos tempos atuais, é a qualidade de vida próximo da morte. Por ser ainda um tabu a ser quebrado, muitas pessoas não gostam de falar ou de pensar sobre a morte, apesar de ser a única certeza que cada um tem nesta vida. Muitos não falam por medo, outros porque imaginam ser algo muito distante. Muitas pessoas passam boa parte do seu viver se preocupando ou se preparando para o trabalho, ou pensando em como vão conquistar algo na vida, como vão realizar seus desejos, seus projetos. É como se, sobre a morte, não houvesse muito o que se discutir, ou como se não fosse necessário se preparar para a sua chegada. (SAIRON, 2014).

Pesquisas realizadas com pessoas que cuidam de idosos ou de pessoas que sofrem de algum tipo de doença também apontam que boa parte delas chega nesse estágio da vida com insatisfação ou com falta de perspectivas. Eles se queixam de saudades da juventude, de que falta-lhes a perspectiva para continuar vivendo; outros dizem que não resta mais nada para fazer neste mundo, pois afirmam já estar vivendo a certeza final. Assim, demonstra Paschoal (2011), em trechos da pesquisa:

“Depois que fica velho, acaba tudo. É bom, quando se é jovem.” (C.M.A. - mulher, 87 anos, portadora de osteoartrose e depressão; totalmente independente; viúva há 14 anos; mora sozinha).

“Não gosto de viver muito. Ficar dependendo dos outros...não é bom. Mas Deus é quem sabe. Já fiz a minha parte.” (M.S. - homem, 72 anos, portador de bronquite, hiperuricemia, osteoartrose de coluna e obesidade; totalmente independente; casado).

Outra parte, que consegue sem nenhum trauma falar e discutir sobre o assunto, diz:

“Viver é a melhor coisa do mundo! Com saúde, lógico. Sou feliz!” (L.M. - homem, 81 anos, portador de hipertensão arterial, miocardiopatia com insuficiência mitral, aórtica e tricúspide, tosse crônica e rinite alérgica, totalmente independente, casado).

A partir destes depoimentos, pode se compreender que a velhice não só está ligada à maneira como se vive. A pesquisa destaca que o processo de envelhecimento é compreendido como heterogêneo e pode chegar a dois limites e diversas situações: um traz a qualidade de vida ruim e outro, excelente. A partir de então, apresentam-se inúmeras situações (PASCHOAL, 2011).

Ainda se observa que boa parte da população brasileira de pessoas idosas não recebe uma atenção especial por parte do Ministério da Saúde. Muitos vivem em situações precárias de saúde básica, muitos não têm oportunidade de praticar exercícios físicos, fatores que diminuem a qualidade de vida da população (PASCHOAL, 2011).

Diante de tudo isso, pode-se dizer que a população idosa precisa de mais atenção tanto no que diz respeito às questões de saúde, como também nos cuidados da família, que deve dar incentivo à prática de exercícios, assim como incentivo e apoio moral para que, chegando à terceira idade, o indivíduo possa aceitá-la de maneira feliz e enfrentar com coragem as limitações que a idade avançada traz. Sobretudo, para que possa aceitar a própria morte.

O sofrimento é algo inevitável na vida de qualquer ser humano, mas o que mais tira as expectativas ou leva a um estado profundo de tristeza é a perda de alguém muito próximo. A morte já foi tida como algo natural, ligada ao tempo determinado por Deus para todas as pessoas. Mas, com o passar dos tempos, essa mentalidade mudou e, hoje, a morte é vista apenas como um fracasso humano de que não se pode fugir:

Uma pessoa que morre quebra a rotina daqueles que a rodeiam. Pelo menos isso acontecia até o começo do século passado, quando o morrer se dava junto à família. Como se dizia antigamente, depois de ter posto em ordem seus assuntos terrenos, o moribundo se deitava para morrer, rodeado de amigos, familiares e empregados da casa. O falecimento era ato público que, com toda a sua dignidade e solenidade, expressava a seriedade do que lá acontecia. (BLANK, 2000, p.16)

Ao falecer alguém que amamos, experimentamos imediatamente o sentimento de inutilidade diante da morte que, sem discriminação, leva a todos. Diante da morte de alguém próximo, faz-se necessário que haja um grupo que esteja disponível a ajudar aqueles que sofrem. Assim, o que se mostra numa “Pastoral do Luto” é que a morte pode significar algo diferente em relação ao “fracasso humano”, fazendo com que sua mensagem seja a esperança. O aconselhamento pastoral diante do sofrimento não procura reprimir o luto, mas dar alento e conforto para a superação da dor a partir da humanização:

Pela própria natureza, estamos de antemão preparados e equipados para ter reações adequadas capazes de absorver e transpor perdas, despedidas e o próprio luto. O luto

e sua expressão emocional não devem ser negados, reprimidos ou até mesmo sufocados à força. Se a expressão do luto for reprimida, então, é preciso contar com distúrbios psicológicos, emocionais, físicos e sociais.

Quando, porém, a expressão do luto é permitida, ela propicia uma despedida sadia e nos torna conscientes de que a pessoa falecida não mais estará conosco. A livre expressão do luto, portanto, nos leva à gradual superação da dor e à reorganização da vida. (DOMINGUES, 2017)

O que se tem visto nos últimos anos é uma preocupação em relação ao luto. Várias organizações empregam-se em realizar trabalhos de diálogo com aqueles que sofrem por causa de alguma perda. O que se procura é valorizar a dignidade humana, fazendo com que a morte ganhe novo sentido na vida daquelas pessoas. A “Pastoral do Luto” realiza esse serviço pastoral e espiritual em prol daquelas pessoas que estão em profundo sofrimento.

O sofrimento, ligado à espiritualidade, ganha novo alento, pois, ao refletir sobre a morte, o crente vê novas perspectivas que lhe conduzirão à compreensão do sentido da situação que se passa. Lepargneur (1986, p.35) diz que: “O incontestável é que a fé cristã não dispensa nem o sofrimento nem a morte, mas também não os inventou. O que nos interessa é o sentido que eles adquirem para os fiéis que acreditam na Ressurreição salvadora de Cristo”. Desta forma, a religião cristã mostra qual o verdadeiro sentido da morte para aqueles que creem em Jesus: Ele ressuscitou para nos dar uma nova vida. Esta vida é diferente daquela vivida aqui nesta terra. É uma vida nova e sem fim.

Diante do luto sofrido, o importante é que seja trabalhada, principalmente com aqueles que sofrem, uma “teologia da esperança”, pois ela é o forte da ressurreição. Nós cremos porque esperamos em Cristo uma vida nova. Esta vida nos foi prometida por ele, mesmo ao dar sua vida por nós na cruz. Desta forma, segundo Moltmann (2003, p. 27): “Crer significa, numa esperança antecipada, transpor os limites que foram rompidos pela Ressurreição do Crucificado”.

É preciso reavivar no homem atual a esperança na vida eterna, cativar-lhe a querer o céu e ver a morte não apenas como o fim de uma vida biológica, mas o começo de uma nova vida. Assim, se fará com que o inevitável sofrimento seja transformado em esperança numa vida futura que nos é garantida, mas que deve ser conquistada a cada dia.

Ao falar da morte, é imprescindível dar uma pequena palavra sobre o suicídio. Trata-se de uma questão melindrosa e, ao mesmo tempo, complexa. Melindrosa por ser um fato que atinge várias pessoas e famílias, independente de condição social, econômica ou religiosa. Complexa, porque exige a colaboração das diversas áreas do conhecimento para estudar o

fenômeno em si. Por isso, não se pretende ser exaustivo, pois não é a finalidade da reflexão que ora segue.

De antemão, pode-se afirmar que o tema suicídio é tratado como um grande tabu, pois ainda hoje não é fácil falar do assunto. Na verdade, existem muitos preconceitos e até mesmo o medo acerca desta reflexão, como também faltam informações seguras e sadias sobre o problema. Assim, o assunto foi, por muitos anos, menos claro e evidenciado. Existia certa timidez na abordagem. A realidade do suicídio se faz presente e preocupante, tanto no campo antropológico, psicológico, sociológico como também no campo da fé cristã católica e suas dimensões. São múltiplas as formas pelas quais o homem pode chegar a dispor de sua própria vida. A teologia moral católica afirma que:

Para se fazer um julgamento ético concreto do suicídio, convém distinguir o plano subjetivo e o objetivo. A responsabilidade subjetiva do suicídio é geralmente muito limitada, sua liberdade está condicionada pela presença de processos psicológicos de caráter o mais das vezes depressivo. Na dimensão objetiva, o suicídio aparece como uma opção claramente negativa se colocado dentro do ponto de vista das preferências humanas e humanizadoras. (VIDAL, 1978, p.316)

O pensamento não se restringe a uma só dimensão, mas é um detalhe no percurso da vida, que mexe com todas as opiniões, sobretudo quando afeta a vida do ser humano, sejam quais forem as formas. Para tanto, pergunta-se: qual é o sentido do suicídio? Quem comete suicídio vai para o inferno? Os questionamentos são bem interessantes, mas, antes de qualquer resposta acerca do espaço a se ocupar no inferno ou no céu, seria necessário compreender o sentido da morte nos planos da fé cristã católica. O catecismo da Igreja Católica revela: “com a morte, separação da alma e do corpo, o corpo cai na corrupção, ao passo que a alma, que é imortal, se encaminha para o juízo de Deus e espera unir-se novamente ao corpo quando ele ressurgir transformado na volta do Senhor” (BOFF, 2012, p.33). Aqui, o autor nos faz entender que a morte é uma espécie de passagem da vida material presente no mundo da existência física para um mundo da existência celeste, uma dimensão espiritual. Há uma ruptura de dois mundos atingidos pelo mal, que a Igreja afirma ser o pecado, todavia, a compreensão de morte está longe de se esgotar nestas pequenas linhas. Não é por menos que se faz necessário concluir que a morte faz parte da vida do homem sobre qualquer pretensão, ela “está continuamente presente, pois é condição da vida” (BALLESTER, 2006, p.19).

Isso é fato, mas outro aspecto que é importante destacar nesta discussão, talvez o ponto-chave, seja a vida como dom de Deus: “A vida humana é sagrada, porque, desde a sua

origem, supõe a ação criadora de Deus e mantém-se para sempre numa relação especial com o Criador, seu único fim. Só Deus é senhor da vida, desde o princípio até o fim” (*Evangelium Vitae*, 2011, p.106). O argumento parte do princípio de que a vida pertence a Deus do início ao fim. Ela não pode ser interrompida sobre qualquer aspecto. Nesse sentido, o suicídio vai na contramão dos planos de Deus, pois só em Deus está a plenitude da vida que é dom e responsabilidade do ser humano, que deve cuidá-la e protegê-la de toda ameaça visível e possível.

O que se busca aqui não é uma resposta de condenação e, muito menos, colocar o suicídio como algo natural, pois qualquer forma de agressão à vida torna-se um desespero, uma discrepância da vontade de Deus. Nele está a esperança, a mesma oferecida ao seu filho Jesus Cristo, a ressurreição na vida eterna. Para isso, é necessário fazer a vontade do Pai, pois em Deus está a verdadeira liberdade, nele não há desespero, mas existe misericórdia: “Como Deus é amigo da vida e, sobretudo, amigo dos seres humanos, como cada um dos seres humanos é para ele uma autêntica delícia, pode-se esperar tudo do seu amor, pois o amor autêntico se oferece sem medida, sem reservas, dá tudo aquilo que tem e pode” (BALLESTER, p.35).

Nos planos de Deus não existe lugar para o suicídio. Ele sempre oferece oportunidade para o ser humano recomeçar ante as dificuldades e problemas que a vida impõe. As virtudes da fé, da esperança e do amor são suportes para enfrentar as agruras da existência. A fé oferece o sentido da presença fortalecedora de Deus. A esperança abre horizontes de luz, além das dores do presente. O amor sai de si mesmo e vai ao encontro do outro em forma de serviço gratificante e realizador.

5 CONCLUSÃO

Aprender a viver é aprender a administrar a morte e o morrer. As ciências biológicas e a medicina têm contribuído, com suas novas descobertas, para amenizar a dor e os sofrimentos dos pacientes em morte iminente e incentivar uma maior qualidade de vida para as pessoas, no que diz respeito a alimentação saudável, prática de exercícios regulares, sono restaurador etc.

A filosofia pergunta pelo sentido da morte: “o que me espera?”. A resposta-significado encontra-se no sentido da vida. As decisões voluntárias e conscientes, durante o percurso da

existência do ser humano, direcionar-se-ão para a morte como fim-destruição ou como começo-construção. Assim, o ser humano não é só um ser-aí-para-a-morte (*dasein* de Heidegger). Entrementes, é um ser-aí-para-a-vida.

Como disse Cícero, “a história é mestra da vida”. Muitos acontecimentos do passado e do presente, imersos na relação homem-sagrado, são depositários dessa sabedoria. Desde os primórdios da humanidade até atualmente, a morte sempre foi uma incógnita, um enigma, um problema e um mistério a ser decifrado. Para isso, cada época e lugar encontraram seus meios para responder essa indagação. Só há um vácuo histórico no sujeito inserido na pós-modernidade, devido ao hedonismo e materialismo circundante. Foge-se da vida, mas nunca da morte.

A fé cristã não se satisfaz com as ciências, a filosofia e nem com a história. Transcende. Haure sua reflexão na pessoa de Jesus Cristo, consignada nas Sagradas Escrituras e na Tradição. Para as Escrituras Cristãs, Jesus é plena revelação dos desígnios de Deus para o ser humano: Ele não quer a morte-fim do pecador, mas que “todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10), para que todos experimentem a ressurreição no fim dos tempos, na sua segunda vinda.

Falar da ressurreição é refletir a vida na iminência da morte, do luto e do suicídio. Precisa-se elaborar ações de assistência aos que estão “desenganados pelos médicos”, realizar atividades de acompanhamento para os parentes dos que morreram e políticas preventivas e combativas para erradicar e minimizar a autodestruição.

Não é possível perceber a morte apenas como finitude fisiológica, como se ela fosse a negação da vida ou o fim do sujeito que vive num tempo e num espaço. O ser humano, diferentemente dos demais seres, sabe que vai morrer, tem consciência dessa limitação e, por isso, não nasce determinado, nem se move apenas por impulsos biológicos, mas vai construindo sua vida e se construindo. Nesse processo, a fé vem como “suplemento” (Santo Tomás de Aquino) para direcionar a realidade da morte como apogeu, como ápice da vida eterna. É assim a oração atribuída a São Francisco, que foi redigida em meio à Segunda Guerra mundial: “e é morrendo que se vive para a vida eterna”.

Por fim, conclui-se essa reflexão com um belo poema de Gíbran sobre a relação vida-morte. Certa vez, o interrogaram a respeito da morte. Então ele disse:

“Quereis conhecer o segredo da morte.

Mas como podereis descobri-lo se não o procurardes no coração da vida?

A coruja, cujo olhos, feitos para a noite, são velados ao dia, não pode descortinar o mistério da luz.

Se quereis realmente contemplar o espírito da morte, abri amplamente as portas de vosso coração ao corpo da vida, pois a vida e a morte são uma e a mesma coisa, como o rio e o mar são uma e a mesma coisa.

Na profundidade de vossas esperanças, dorme vosso silencioso conhecimento do além.

E como sementes sonhando sob a neve, assim vosso coração sonha com a primavera.

Confiai nos sonhos, pois neles se ocultam as portas da eternidade.

Vosso temor da morte é semelhante ao temor do camponês quando comparece diante do rei, e esse lhe estende a mão em sinal de consideração.

Não se regozija o camponês, apesar de seu temor, de receber as insígnias do rei?

Contudo, não está ele mais atento ao seu temor do que à distinção recebida?

Pois, o que é morrer se não expor-se, desnudo, aos ventos e dissolver-se no sol?

O que é cessar de respirar se não libertar o hálito de suas marés agitadas, a fim de que se levante e se expanda e procure a Deus livremente?

É somente quando beberdes do rio do silêncio que podereis realmente cantar.

É somente quando atingirdes o cunho da montanha que começareis a subir.

É quando a terra reivindicar os seus membros que podereis verdadeiramente dançar.”

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora MestreJou, 1970. p. 653-655.

BETTENCOURT, Estêvão. *Curso de novíssimos* (escatologia). Rio de Janeiro: *Mater Ecclesiae*. Curso on-line.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo-SP: Paulus, 2002.

BLANK, Renold. *Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição*. Escatologia I. São Paulo: Paulus, 2000. p.16.

BOFF, Clodovis M. *Breve tratado teológico-pastoral*. São Paulo: Ed Ave Maria, 2012. p.50.

CAMPOS, Érico Bruno. *Morte e Luto na Contemporaneidade: notas para uma Palestra Considerações Psicanalíticas sobre a Morte e o Luto: Palestra de Abertura da XXVI Jornada de Psicologia da UNOESTE*.

Disponível em: <<http://interpretacoesdacultura.blogspot.com.br/2013/07/morte-e-luto-na-contemporaneidade-notas.html>>. Acesso em: 02 mai 2017.

COMTE-SPHONVILLE, André. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 539-543.

CUNHA, Anderson Santana. Finitude Humana: A perplexidade do homem diante da morte. In: *Filogênese*. v. 3. n. 1. Unesp, 2010. Disponível em: <[http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/AndersonSantanaCunha\(182-193\).pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/AndersonSantanaCunha(182-193).pdf)> Acesso em: 15 abr2017.

D'ASSUMPCÃO, Evaldo. *Sobre o viver e o morrer*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

DIAS, Lu. *Visão sobre a morte no Império Romano*. 2016. Disponível em: <<http://virusdaarte.net/visao-sobre-a-morte-no-imp-romano/>>. Acesso em: 14 mai 2017.

DOMINGUES, Virnney. *Um estudo sobre luto como auxílio para aconselhamento pastoral em caso de perda*. Zé Moleza. Disponível em: <<http://www.zemoleza.com.br/trabalho-academico/sociais-aplicadas/servico-social/um-estudo-sobre-luto-como-auxilio-para-aconselhamento-pastoral-em-caso-de-perda/>>. Acesso em: 10 de mai2017.

FRANKL, Viktor. *Um sentido para a vida*. 11 ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005. p. 13-37.

KLUMB, Marta. *Um Olhar Fenomenológico sobre a Morte na Sociedade Ocidental: Testemunho Histórico-Antropológico*. Disponível em: <https://www.redenacionaldetanatologia.psc.br/artigos/artigo_24.htm>. Acesso em: 02 mai 2017.

LEPARGNEUR, Huberte. *Lugar atual da morte: antropologia, medicina e religião*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 35.

MENEZES, Rachel Aisengart. *Tecnologia e “Morte Natural”*: O Morrer na Contemporaneidade. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v13n2/a08v13n2>>. Acesso em: 02 mai 2017.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 27.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. 2 ed. Portugal: Universitária, 1970.

PASCHOAL, Sérgio Márcio Pacheco. *Qualidade de vida na velhice*. Disponível em: <<http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2011/04/tdesergio.pdf>>. Acesso em: 05 mai 2017.

SAIRON, Alexandre. *Da qualidade de vida à qualidade de morte*. Disponível em: <<http://www.forumseculo21.com.br/materias290,da-qualidade-de-vida-a-qualidade-de-morte.html>>. Acesso em: 05 mai 2017.